

SBOT-ES vai às ruas e pesquisa

Universitários da Grande Vitória avaliam a eficácia da "Lei Seca" e revelam como têm se comportado no trânsito após um ano e meio de vigência da nova legislação.

Pág. 8



4

Entrevista

João Teixeira

O ortopedista carioca, graduado em aikido e ioga, avalia sua gestão.

6

Entrevista

Alceuleir Cardoso

Na SBOT-ES desde 1995, ele quer profissionalizar a gestão da ortopedia no ES.

2 Carta do Presidente

3 Raio X

10 Social

12 Especial

14 Vida Leve

Nossa mensagem de **final de ano**

A redução de acidentes fatais e de mortes no trânsito não depende exclusivamente da proibição ao condutor de beber e dirigir. É preciso melhorar a fiscalização das vias para garantir o respeito ao Código de Trânsito Brasileiro (CTB) e às leis que o auxiliam. Esta é uma das principais constatações que pudemos retirar após uma importante pesquisa que a SBOT-ES realizou com universitários da Grande Vitória.

A pesquisa fez um levantamento do comportamento e das atitudes desses universitários no trânsito, após um ano e meio de vigência da lei 11.705/2008, também conhecida como "Lei Seca" ou "Lei de Alcoolemia Zero". Esse trabalho é oportuno, pois estamos às vésperas das festas de final de ano e das férias, época em que o maior do movimento nas rodovias e estradas reflete diretamente no aumento de acidentes e mortes ocasionadas por imprudência e desrespeito às leis, como dirigir alcoolizado ou não usar o cinto de segurança.

Nossa intenção é que esse estudo (apresentado nesta última edição do ano

e que também será encaminhado aos responsáveis pelos programas de segurança no trânsito) sensibilize-os a intensificarem o processo de fiscalização que as Polícias Rodoviária Federal e Militar exercem nas rodovias e vias urbanas respectivamente. Talvez assim, evitemos que milhares de brasileiros não façam parte de um triste índice que ceifou em 2008 mais de 4 mil vidas. Se levarmos em conta que esse número de fatalidades contabiliza apenas óbitos no local do acidente, a realidade torna-se mais estarrecedora ainda.

A SBOT-ES espera que todas as autoridades, sejam elas do âmbito federal, estadual ou municipal, façam um grande esforço para que neste final de ano o número de acidentes seja o menor possível.

Desejo a todos boas festas, muita paz e que possamos viver intensamente cada momento de 2010 e de todos os outros anos que virão. O melhor presente é e sempre continuará sendo a vida. ◉



João Carlos de Medeiros Teixeira
Presidente da SBOT-ES



Rua Abial do Amaral Carneiro, 191, Ed. Arábica, Sala 607
Euseada do Suá, Vitória-ES. CEP 29055-220 | Telefone: 3325-3183
www.sbot.es.org.br | sbot.es@sbot.es.org.br

Gestão 2009



Uma publicação
Balaio Comunicação e Design
www.balaiodesign.com.br

Diretoria

Presidente:
Dr. João Carlos de Medeiros Teixeira
Primeiro Vice-Presidente:
Dr. Alceuair Cardoso de Souza
Segundo Vice-Presidente:
Dr. Adelmo Rezende F. da Costa
Primeiro Secretário:
Dr. Thanguy Gomes Friço
Segundo Secretário:
Dr. Adelmo Rezende Ferreira da Costa
Primeiro Tesoureiro:
Dr. Antônio Tamanini
Segundo Tesoureiro:
Dr. Paulo Henrique Paladini

Conselho Fiscal

Dr. Carlos Henrique O. de Carvalho
Dr. Máximo Nelson C. E Gurgel
Dr. Flávio Vieira Somoês
Dr. Ruy Rocha Gusman
Dr. Fábio Vassimon Jorge
Dr. Bianor Guasti Júnior

Delegados

Dr. Geraldo Lopes da Silveira
Dr. Jorge Luiz Kriger
Dr. Roberta R. Silveira

Comissão Executiva

Dr. João Carlos de Medeiros Teixeira

Dr. Anderson De Nadai
Dr. Alceuair Cardoso de Souza
Dr. Adelmo Rezende F. da Costa
Dr. Marcelo Nogueira da Silva

Comissão de Ensino e Treinamento

Dr. Marcelo Nogueira da Silva
Dr. Nelson Elias
Dr. Roberta R. Silveira
Dr. Alceuair Cardoso de Souza
Dr. Marcelo Rezende da Silva
Dr. Adriano de Souza
Dr. Edmar S. da Silva Junior
Dr. Jair Simmer Filho
Dr. Eduardo Hosken Pombo

Comissão de Ética, Defesa Profissional e Honorários Médicos

Dr. Hélio Barroso dos Reis
Dr. Emídio Perim Júnior
Dr. Fernanda Silveira Silva
Dr. José Eduardo Grandi Ribeiro Filho
Dr. Sebastião A. M. de Macedo

Comissão de Estatuto e Regimento

Dr. Anderson De Nadai

Dr. João Carlos de M. Teixeira
Dr. Alceuair Cardoso de Souza
Dr. Adelmo Rezende F. da Costa

Comissão de Campanhas Públicas e Ações Sociais

Dr. José Fernando Duarte
Dr. José Carlos Xavier do Vale
Dr. José Lorenzo Solino
Dr. Rounilo Furlani Costa
Dr. Francisley Gomes Barradas

Comissão de Presidentes

Dr. Pedro Nelson Pretti
Dr. Roberto Casotti Lora
Dr. José Fernando Duarte
Dr. Eduardo Antônio B. Uvo
Dr. Geraldo Lopes da Silveira
Dr. Hélio Barroso dos Reis
Dr. Jorge Luiz Kriger
Dr. José Lorenzo Solino
Dr. Akel Nicolau Akel Júnior
Dr. Clark M. Yazaki
Dr. Anderson De Nadai

Comissão de Publicação, Divulgação e Marketing

Dr. Anderson De Nadai
Dr. Adelmo Rezende F. da Costa
Dr. José Lorenzo Solino
Dr. Edmar Simões da Silva Júnior

Jornalista responsável

Wallace Capucho
MTB 1934/ES

Redação

jornalismo@balaiodesign.com.br

Editor

Wallace Capucho

Repórter

Laio Medeiros
Marcos Alves

Diretor de Arte

Felipe Gama

Diagramação e Arte

Vitor Campos Louzada
Carlos Dalcolmo da Silva
Jonatas Modolo

Revisão

Marcos Alves

Produção Gráfica

Chico Ribeiro

Publicidade

SBOT-ES
(27) 3325-3183

Impressão e acabamento

Grafitusa

Esta revista foi impressa em papel couchê fosco 150g/m²

Tiragem
4.000 exemplares

Periodicidade
Trimestral
Distribuição
CP Distribuição e Logística

As matérias e anúncios publicitários, bem como todo o seu conteúdo de texto e imagens, são aqui publicadas sob direito de liberdade de expressão, sendo total e exclusiva responsabilidade de seus autores/anunciantes. É expressamente proibida a reprodução integral ou parcial desta publicação ou de qualquer um de seus componentes (texto, imagens, etc.), sem a prévia e expressa autorização da SBOT-ES.

39º Exame TEOT

O 39º TEOT, exame para Título de Especialista em Ortopedia e Traumatologia, já tem data e local marcados para acontecer. Será nos dias 7, 8 e 9 de janeiro, no The Royal Palm Plaza, em Capinas, SP. As inscrições permaneceram abertas até o dia 30 de setembro.



Curso para o 40º Exame TEOT

A partir de fevereiro a SBOT-ES dará início a um curso de preparação para o 40º Exame do TEOT. No curso, haverá aulas, simulados, apresentação de novas técnicas e muita troca de experiência. O curso, que durará até dezembro, será formatado e ministrado pelos membros da Comissão de Ensino e Treinamento (CET). A data da primeira aula será divulgada futuramente por newsletters e no site da SBOT-ES.

Eleição para presidente da Cootes

Os cooperados da Cootes se reunirão no dia 18 de janeiro, no auditório da entidade, em Vitória, para a Assembleia Geral Extraordinária (AGE) que irá eleger o presidente para a gestão 2010/2011 da Cootes. A primeira convocação está marcada para as 18h. A pauta da AGE ainda prevê a deliberação acerca da data da posse da nova diretoria.



Novo presidente da SBOT-ES

Está marcada para o dia 28 de janeiro de 2010 a posse do novo presidente da SBOT-ES. O médico Alceuleir Cardoso de Souza assumirá o cargo deixado por João Carlos de Medeiros Teixeira e ficará à frente da Sociedade até janeiro de 2011. A cerimônia acontecerá no auditório da Cooperativa dos Ortopedistas do Espírito Santo (Cootes), em Vitória.

Eleição SBOT-ES gestão 2012

Os membros da Sociedade que estiverem interessados em concorrer à diretoria da gestão 2012 da SBOT-ES devem efetuar a inscrição das chapas até o dia 5 de janeiro. A chapa deverá ser composta por Presidente, Primeiro Secretário, Segundo Secretário, Primeiro Tesoureiro e Segundo Tesoureiro. Mais informações no edital de convocação, no site da SBOT-ES.

Calendário Provisório de Eventos SBOT-ES em 2010

1º Jornada
09 e 10 de abril

2º Jornada
14 e 15 de maio

Congresso da SBOT-ES
09, 10 e 11 de julho

3º Jornada
13 e 14 de agosto

Congresso da SBOT-ES
16, 17 e 18 de setembro

4º Jornada
12 e 13 de novembro

João Teixeira

FIM DE MANDATO
COM SENSAÇÃO
DE DEVER CUMPRIDO.



Em artes marciais, ele é graduado em aikido e ioga. Na área médica, é pós-graduado em acupuntura e especialista em ortopedia/traumatologia. Na Sociedade Brasileira de Ortopedia e Traumatologia, Regional Espírito Santo (SBOT-ES), ele é o atual presidente. Estamos falando de João Carlos de Medeiros Teixeira, 47 anos, um carioca natural de Macaé que graduou-se em medicina pela Faculdade de Ciências Médicas e da Saúde, de Juiz de Fora (MG); fez residência no Hospital Pedro Ernesto, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) e que chegou ao Estado em 1996 para constituir família e construir carreira. João, que esteve à frente da SBOT-ES durante o ano de 2009, deixará o cargo no início de 2010. Trabalhando atualmente no Vitória Apart Hospital, no Hospital Universitário Cassiano Antônio de Moraes (Hucam), no Cias Unimed e no Hospital Roberto Silveiras, em São Mateus, João separou um horário em sua atribulada agenda para, nesta breve entrevista, fazer um balanço de sua gestão, do momento em que vive a especialidade no Estado e reiterar seu apoio ao próximo gestor, pois sabe o quanto é importante a participação efetiva em uma sociedade como a SBOT-ES.

Faça uma breve avaliação de sua gestão.

Na minha gestão, procurei, juntamente com a diretoria, dar continuidade ao planejamento de trabalho iniciado na administração do Anderson De Nadai, meu antecessor. Mesmo com a crise mundial, que atrapalhou muito, mantivemos o foco na educação continuada com a realização de quatro jornadas, três cursos - e aí vale destacar um importante curso de Perícia Médica - e um congresso que reuniu vários especialistas capixabas e de outros estados do País.

Estreitamos os laços com residentes e estudantes de medicina gerando um bom intercâmbio de conhecimento que tenho certeza que será mantido pelo Alceuleir, próximo presidente, por intermédio das ligas universitárias. Consolidamos os meios de comunicação da SBOT-ES, o site e o informativo; abraçamos os projetos de edu-

cação e conscientização propostos pela Nacional; e também elaboramos projetos exclusivos, que não puderam ser executados nesta gestão, mas certamente serão na próxima.

Neste informativo, estamos divulgando um importante estudo comportamental referente aos hábitos pós "Lei de Alcoolemia Zero" entre os universitários da Grande Vitória. Uma pesquisa semelhante à que a Nacional realizou nas cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo. Ou seja, mostramos para o governo e a população em geral que a SBOT-ES cumpre o seu estatuto e não está apenas preocupada com problemas médico-profissionais ou científicos, mas também com problemas sociais, uma vez que este estudo estará à disposição de qualquer organização social ou governamental para a implementação de campanhas educacionais.

Já que você falou em problemas médico-profissionais, como foi o seu trabalho nesta área?

Conseguimos melhorar sensivelmente nossos contratos na área privada. Fizemos importantes acordos que nos deram um ganho muito melhor, por exemplo, com a Unimed nas áreas de exames de joelho, quadril e ombro. Os diálogos que mantivemos com a Associação Médica do Espírito Santo (Ames) e a SBOT foram importantíssimos para essas conquistas.

Acredito que o Alceuleir, com a experiência adquirida no Comitê de Dignidade e Defesa Profissional da Nacional, conquistará resultados melhores que os meus nessa área.

Qual foi a sua maior vitória?

Fazer com que a SBOT-ES continuasse sendo vista como a sociedade forte e influente que realmente é, ratificando que a especialidade que representamos é uma das maiores forças de trabalho da medicina no Estado.

Conseguir manter este respeito foi fundamental, pois assim continuamos a ser referência ao lado de outras sociedades que também realizam trabalhos de extrema

importância de valorização das especialidades médicas no Estado.

O Espírito Santo sempre foi visto como um bom local, devido às suas belezas naturais e posição privilegiada na geografia, para sediar eventos científicos. Hoje, isso está mudando. Além de apoiar produção científica, estamos formando profissionais por meio das residências inauguradas nos últimos anos.

E essa influência se reflete nas condições de trabalho?

Certamente. As estruturas dos hospitais estão melhorando muito. A ortopedia vem ganhando cada vez mais respeito e espaço. Inclusive espaço físico. O Hospital do Cias Unimed, por exemplo, ganhou um andar só para a ortopedia e traumatologia. No Vila Velha Hospital e no Vitória Apart Hospital conquistamos mais espaço também. Quanto ao setor público, acaba de ser inaugurado o Hospital Central e o primeiro serviço que já está funcionando é o de ortopedia e traumatologia.

O que você gostaria de ver na administração no seu sucessor?

Gostaria de ver maior participação da Sociedade por inteiro. Que não só aqueles colegas que se envolvem diretamente da organização de cursos, jornadas, entre outros eventos, continuem participando, mas também que os demais venham para junto de nós, frequentando reuniões, emitindo opiniões e também apoiando nossos eventos científicos.

Notei também, com grande felicidade, que a nova leva de acadêmicos que estamos formando estão dando maior importância aos eventos da Sociedade. Espero também que eles continuem frequentando nossos eventos e que mantenham o mesmo interesse que demonstraram até agora, na gestão do Alceuleir e nas subsequentes.

Já passou por sua cabeça se candidatar novamente à presidência da SBOT-ES?

No momento não. Já dei a minha parcela de contribuição. Acredito que o poder é salutar desde que seja executado de forma alternada e não fique somente na mão de uma pessoa ou um grupo. Se no futuro os colegas acharem que serei útil novamente, talvez aceite, mas por enquanto ficarei na retaguarda dando apoio à nova gestão.

No lado pessoal, quais são os seus projetos para o futuro?

São vários, mas o que vou priorizar no momento é continuar trabalhando em meu pré-projeto de mestrado que estou fazendo na Escola Paulista de Medicina; voltar a praticar aikido, pois já estou parado há seis meses; e continuar frequentando as reuniões da Sociedade Teosófica Brasileira, da qual faço parte. ◊

Mostramos para o governo e a população em geral que a SBOT-ES cumpre o seu estatuto e não está apenas preocupada com problemas médico-profissionais ou científicos, mas também com problemas sociais.

A partir do dia 28 de janeiro o ortopedista e traumatologista Alceuleir Cardoso de Souza assume a presidência da Sociedade Brasileira de Ortopedia e Traumatologia, Regional Espírito Santo (SBOT-ES). Aos 43 anos, o médico é membro da regional desde 1995 e acumula funções nas comissões Executiva; de Ensino e Treinamento; e de Estatuto e Regimento. Na Nacional, fez parte nos dois últimos anos - 2008/2009 - do Comitê de Dignidade e Defesa Profissional. Formado em 1991, na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), Alceuleir fez residência no Hospital da Polícia Militar de São Paulo entre os anos de 1992 a 1995, mesmo ano em que retornou ao Estado e começou a trabalhar no Hospital da Associação dos Funcionários Públicos do Espírito Santo e no Hospital Dr. Dório Silva. Foi voluntário do Hospital das Clínicas e a partir de 1997 passou a coordenar os serviços de ortopedia da Cooperativa dos Ortopedistas e Traumatologistas do Espírito Santo (Cootes), cargo que ainda mantém. Além do consultório privado, Alceuleir é professor universitário. Em meio a tantas atribuições, o novo presidente da SBOT-ES em 2010 diz que com a colaboração de todos os colegas ortopedistas não medirá esforços para colocar em andamento um planejamento que pretende, ao lado da Cootes, profissionalizar a gestão da ortopedia no Estado.

O que o levou a participar ativamente como colaborador na SBOT-ES desde que nela adentrou até agora, quando você assume o mais alto cargo da Sociedade?

Com o lema "Fazer força positiva, senão a negativa cresce" venho sempre tentando contribuir para o crescimento da nossa especialidade. Infelizmente vejo muitos colegas apenas reclamando nos corredores de hospitais, coffee breaks de congressos e jornadas, sem participar de nossas reuniões ou pelo menos procurar se interar dos assuntos que a Sociedade ou a Cooperativa discute.

Como eu não concordo com esse tipo de postura, estou sempre envolvido na busca de melhorias para todos nós. Penso sempre no grupo, no conjunto, na união como forma de valorização da nossa classe. Não adianta ficar reclamando, temos que participar mais, propor mais.

Vejo que muitos ainda não entenderam o papel da Sociedade até hoje. Acha que os cargos são políticos ou um meio de projeção. Não é nada disso. O médico precisa entender que se não ocuparmos o nosso espaço de forma coesa, com objetivo único, outros virão e ocuparão, como já fizeram os planos de saúde, empresas que intermediam os nossos serviços, os maus políticos, entre outros que usam a medicina como cartão de visitas. Precisamos nos politizar, o que é diferente de ser partidário.

Qual será a sua principal meta?

Profissionalizar a gestão da ortopedia capixaba. Neste pouco tempo de participação na vida da SBOT-ES e da Cootes,

O médico precisa ampliar o seu campo de visão, ser um executivo. Precisa aprender a aplicar, buscar novas frentes, viver da medicina e não para a medicina.

tivemos um aprendizado, mas ninguém propôs profissionalizar o modo de administrar. A maioria de nós não sabe administrar o seu negócio. Temos que saber como gerir profissionalmente para poder cobrar o que é certo e não ficar apenas colocando a culpa no outro lado, como por exemplo, o governo, planos de saúde e outros tomadores de serviços.

O médico precisa ampliar o seu campo de visão, ser um executivo. Precisa aprender a aplicar, buscar novas frentes, viver da medicina e não para a medicina. Temos que sair desta mesmice de só trabalhar e de não ter tempo para essas questões. Não adianta se matar de trabalhar, ter um excelente rendimento e achar que está bom, pois isso não é para sempre. É necessária uma conquista maior.

Para isso, tentaremos promover um ciclo de palestras com empresários ortopedistas bem sucedidos economicamente para conhecer mais sobre esse universo e aprender a explorar o nosso potencial.

E sobre os desafios?

Teremos um embate muito grande com os nossos tomadores de serviços, em especial o Estado e os planos de saúde. Digo teremos, pois apesar de até hoje ter sido uma batalha isolada da Cootes, a Sociedade agora vai apoiar plenamente a discussão com o governo por conta da renovação do contrato, bem como nas discussões com os planos de saúde. Nós iremos mostrar a esses tomadores de serviço que somos a maior força de trabalho tanto em número quanto em resolutibilidade.

Em média, 50% do pronto-atendimento de qualquer hospital - público ou privado - é na área ortopédica. Nós não somos valorizados como deveríamos. Brigaremos para entrar no custo fixo da administração da saúde e deixar de ser a parte variável.

Mas para termos sucesso em tudo isso, precisamos congregarmos mais os colegas. Os ortopedistas capixabas estão muito desiludidos, desgarrados. Muita gente pensa que formar um grupo coeso é algo inatingível, mas isso não é verdade. Se todos quiserem, é possível. Já vivamos isto em 1997 com início da atuação da cooperativa.

E com relação à área científica?

Muita coisa já está definida. Conversei com o Nelson Elias (atualmente à frente da Comissão de Ensino e Treinamento - CET)

e ele já aceitou continuar no cargo. Teremos um curso específico para aqueles que pretendem fazer o exame de especialista, o TEOT. Serão reuniões que começarão em fevereiro e terminarão em dezembro. Haverá aulas, simulados, apresentação de novas técnicas e muita troca de experiência.

Vamos também trazer o curso básico da AO. É o melhor curso de aperfeiçoamento do mundo e a última vez que houve um por aqui foi, se não me engano, em 2002. Já conversei com alguns acadêmicos que querem fazer ortopedia e iremos reativar, junto com a CET, a Liga Acadêmica Ortopédica. Por meio dela, vamos realizar várias campanhas educativas e preventivas voltadas para a população em geral.

Antes mesmo de assumir, você já realizou uma reunião estratégica com parceiros para definir apoio aos eventos da Sociedade. O resultado foi positivo?

Foi extremamente positivo. Mesmo os parceiros que não puderam comparecer devido a outros compromissos, já entraram em contato parabenizando pela iniciativa que irá facilitar muito o planejamento deles para 2010. Os que compareceram à reunião deram suas opiniões e levantaram questionamentos que serão analisados e levados em conta na finalização do projeto.

E quanto ao projeto "Sua casa no futuro"?

É um projeto que visa a aproximar a Sociedade dos residentes ou acadêmicos que optarem pela ortopedia. Fazer com que a SBOT-ES seja um local de apoio quando precisarem resolver qualquer problema com a Nacional; estudar (para isso aumentaremos a biblioteca iniciada na gestão de João Teixeira e tentaremos abrir os portais online da Nacional); trocar experiência; conversar; ou seja, usar a estrutura da SBOT-ES, pois assim eles passarão a viver o nosso dia-a-dia.

Parece brincadeira, mas existem membros da Sociedade que nem sabem onde ela está localizada.

Sintetize em uma frase o que será a sua gestão.

Resgate da dignidade médica com a profissionalização da ortopedia. ◉

Alceuleir Cardoso

SANGUE NOVO
NA DIREÇÃO
DA SBOT-ES



SBOT-ES realiza pesquisa de opinião

Universitários da Grande Vitória avaliam a eficácia da “Lei Seca” e revelam como têm se comportado no trânsito após um ano e meio de vigência da nova legislação.

Quando o assunto é a combinação entre álcool e direção, os homens apresentam comportamentos mais desaconselháveis do que as mulheres. A multa e a possibilidade de prisão são os fatores que mais pesam na hora de optar por não dirigir após ter ingerido algum tipo de bebida alcoólica. Usar cinto de segurança no banco dianteiro é uma prática recorrente. Porém, quando se trata de utilizar o recurso de segurança no banco traseiro, poucas pessoas têm esse hábito. Estas foram algumas das conclusões obtidas pela mais recente publicação da Sociedade Brasileira de Ortopedia e Traumatologia, Regional Espírito Santo (SBOT-ES).

Perto de completar um ano e meio de vigência (no dia 20 de dezembro de 2009) da lei nº 11.705/2008, também conhecida como “Lei Seca” ou “Lei da Alcoolemia Zero”, a SBOT-ES coordenou a realização de uma pesquisa de opinião com o objetivo de fazer um levantamento do com-

portamento e das atitudes, no trânsito, de universitários da Grande Vitória após a entrada em vigor da referida lei, ocorrida no dia 20 de junho de 2008.

Ao todo, 402 estudantes de quatro instituições de ensino superior distribuídas entre as cidades de Vitória, Vila Velha e Serra responderam a um questionário com dez perguntas. Foram ouvidos universitários de ambos os sexos; de diversos cursos das áreas de Biomédicas, Exatas e Humanas; com idade entre 18 e 60 anos; com posse de Carteira Nacional de Habilitação (CNH); e que possuem hábito de dirigir automóvel.

Dentre outros resultados, os dados obtidos com a pesquisa, realizada nos dias 18, 19, 20 e 23 de novembro deste ano, trouxeram à tona algumas diferenças de comportamento no trânsito entre acadêmicos do sexo masculino e do sexo feminino. Também revelaram qual é a avaliação feita pelos estudantes em relação à eficácia da lei, aprovada no ano passado.

Inspiração

Para celebrar um ano de vigência da “Lei Seca”, em junho deste ano o Ministério da Saúde divulgou um levantamento que mostra como a lei contribuiu para a redução de internações e óbitos provocados por acidentes de trânsito. De acordo com o estudo, de 2008 para 2009 houve uma queda de 23% nos atendimentos às vítimas do trânsito financiadas pelo Sistema Único de Saúde (SUS). Já em relação ao número de óbitos, a redução foi de 22,5% no mesmo período.

Quase na mesma época, quem também lançou uma publicação com o intuito de avaliar a “Lei da Alcoolemia Zero” foi a Sociedade Brasileira de Ortopedia e Traumatologia (SBOT). O meio utilizado foi uma pesquisa de opinião, realizada nas cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo, entre os dias 23 e 26 de maio deste ano, com 1.033 estudantes universitários. O estudo revelou que houve uma significativa mudança de comportamento dos acadêmicos entre os

41%

não bebem, se vão sair, por conta da multa cara e da possibilidade de prisão.

Quase **50%** nunca utilizam o cinto de segurança quando estão no banco traseiro.

62%

das mulheres vão e voltam dirigindo sem beber quando saem para se divertir.

Menos de **40%** dos homens disseram fazer o mesmo.

24%

dos homens disseram que alguém da roda de amigos muitas vezes volta dirigindo depois de beber.

15% das mulheres relataram a mesma situação.

47%

dos homens pegam carona com motorista embriagado.

30%

dos entrevistados relataram que alguém do grupo de saída/balada já esteve envolvido em colisão de trânsito após ter ingerido algum tipo de bebida.

anos de 2007, 2008 e 2009. O percentual de jovens que saía para se divertir sem beber, por exemplo, em 2007 era de apenas 36%, mas hoje já chega a 50%.

Esses dois levantamentos, sobretudo o estudo da Nacional, serviram de inspiração para que a SBOT-ES elaborasse a pesquisa com os universitários da Grande Vitória. As questões abordadas com os capixabas, aliás, foram muito semelhantes às aquelas tratadas com paulistanos e cariocas. A diferença entre as duas publicações ficou por conta do tipo de análise com os dados. Enquanto a pesquisa da SBOT fez uma comparação entre os hábitos dos universitários ao longo dos anos de 2007, 2008 e 2009, o levantamento elaborado pela regional capixaba analisou apenas o ano de 2009.

Elas respeitam mais

De um modo geral, foi constatado que as estudantes do sexo feminino respeitam mais a "Lei Seca" do que os estudantes do sexo masculino. Para se ter uma ideia disso, enquanto mais de 60% das mulheres disseram que vão e voltam dirigindo sem beber quando saem para se divertir com os amigos, menos de 40% dos homens disseram fazer o mesmo.

Já a porcentagem de homens que, ao saírem de carro para se divertir, vão e voltam dirigindo mesmo bebendo é bem maior que a porcentagem de mulheres que têm o mesmo comportamento. Quase 4% dos homens fazem isso mesmo bebendo muito, enquanto apenas 0,6% das mulheres fazem o mesmo. Quando se trata de dirigir depois de beber pouco, o percentual dos estudantes do sexo masculino também supera o das universitárias: 16,3% contra 8,3%.

A frequência com que alguém da roda

de amigos volta dirigindo mesmo depois de beber, apurada nas respostas masculinas, também é bem mais expressiva do que aquela notada nas respostas femininas. Destaque para o fato de 24% dos homens dizerem que alguém da roda de amigos muitas vezes volta dirigindo depois de beber enquanto 15% das mulheres relataram a mesma situação.

E para evidenciar ainda mais a diferença de comportamento entre os sexos, os estudantes do sexo masculino mostraram ainda que dão menos atenção aos riscos de pegar carona com motorista que tenha bebido. Quase metade dos homens disseram fazer isso atualmente. Já as mulheres pensam diferente. Mais de 75% das entrevistadas disseram não pegar carona com motorista embriagado. Do total daqueles que assumiram pegar carona com alguém que tenha bebido, os homens também se destacaram por fazer isso com mais frequência. Quase 30% dos homens disseram que muitas vezes recorrem a essa prática, enquanto 9% das mulheres disseram fazer o mesmo.

Medo, mau exemplo, descrença e aprovação

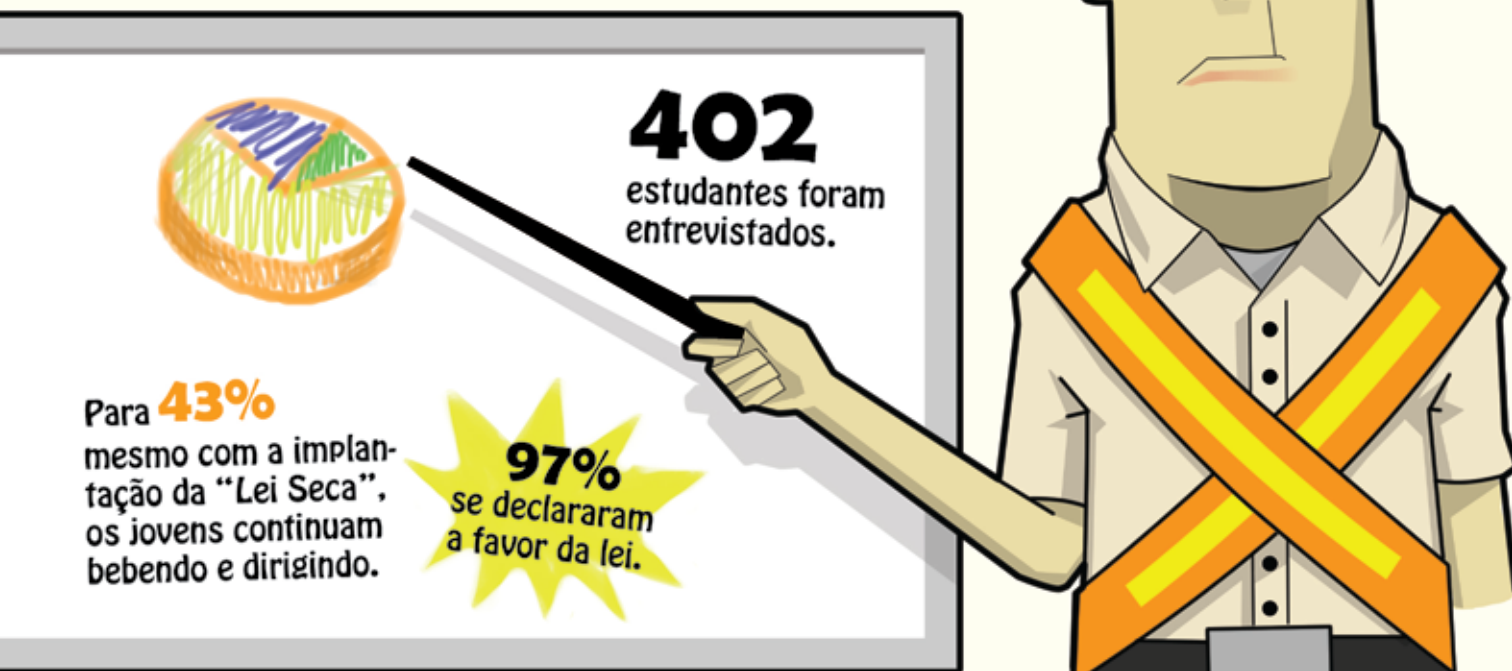
Outra consideração levantada pela pesquisa da SBOT-ES é que os universitários foram bastante afetados pelo caráter punitivo da "Lei Seca". Dos motivos levados em conta na hora de evitar a combinação bebida-direção, a multa cara e a possibilidade de prisão são os que mais se destacam.

A importância dada à pena imposta pela "Lei Seca" também é percebida quando o assunto é carona com motorista embriagado. Isso porque o número de universitários que pega carona com motorista que tenha bebido ainda é alto (quase 40% do total dos entrevistados), o que mostra que os estudan-

tes estão mais preocupados com a punição proveniente da lei do que com os riscos de acidentes aos quais estão sujeitos.

O resultado das entrevistas também mostrou que a utilização do cinto de segurança no banco dianteiro, seja como motorista ou como passageiro, é uma prática recorrente entre os universitários. Quase 100% dos estudantes disseram fazer uso de tal recurso de segurança no banco dianteiro. Porém, quando se trata de utilizar o cinto no banco traseiro, os universitários demonstraram um péssimo hábito: apenas 20% disseram utilizar o recurso sempre. No caso dos homens, mais da metade disse nunca utilizar o cinto no banco traseiro.

Por fim, uma avaliação curiosa. A maioria dos entrevistados acredita que com a implantação da "Lei Seca", não muda nada e os jovens continuam bebendo e dirigindo. Mesmo assim, quase 97% deles se declararam a favor da lei. Isso mostra que mesmo alguns universitários sendo descrentes quanto à eficácia da lei, ela ainda assim é bem recebida pela maioria. ◦



Festa de Encerramento COOTES 2009

A Cooperativa dos Ortopedistas e Traumatologistas do Espírito Santo (Cootes) reuniu, no dia 29 de novembro, em Vitória, seus membros e respectivos familiares para uma confraternização que comemorou o fim de mais um ano de trabalho. Uma série de atrações como show da Banda NoBreu, brincadeiras para a criançada e sorteios de vários brindes marcaram a festa. O ponto alto ficou por conta das homenagens a Cid Paulo Leal (o Cidinho), pela sua dedicação à área de representações de produtos e laboratórios médicos; Hélio Barroso, aniversariante do dia; e a Nelson Pretti, que anunciou sua aposentadoria durante o evento.

- 1 Wilson Rocha, Emídio Perim, Carlos Orlando, Saintclair Ottoni, Roberto Lora, José Fernando Duarte, Carlos Alberto Carvalho, Nelson Pretti, Átilla Freita Quintaes e Leandro Cunha.
- 2 Carlos Alberto Carvalho, Janete Carvalho e Rafel Carvalho.
- 3 Marina Duarte, Mariana, Átilla Freita Quintaes e Vera Quintaes.



- 4 Alceuleir Cardoso, Ricardo Feres, Rafael Carvalho, Átilla Lima Jr. e Thanguy Friço.
- 5 Sílvio Pavan e Adriano Souza.
- 6 Wilson Richa Jr., Wilson Richa e Amadeu Marques.



- 7 Heloísa, Carlos Orlando, Hélio Barroso, Nelson Pretti e Nilza Pretti.
- 8 Ruy Gusman, Everaldo Marchezini, Rose Marchezini, Ana Márcia Gusman e Denise Cardoso.
- 9 Cid Paulo Leal e Geraldo Lopes Silveira.
- 10 Eduardo Pombo, Eduardo Elias, Saulo Teschi, Miguel Saad, Emídio Perim e Augusto Lana.
- 11 Lorena, Élido Emerich, Luciano Olímpio e Filha.



- 12 Silvia Barbosa e Wilson Rocha.
- 13 Irani Francisqueto, Kátia Rezende, Antônio Carlos Resende e Sérgio Ragi.
- 14 Gustavo Pimentel e a Banda NoBreu.



15 Diversão para toda a criançada.

16 Homenagem a Hélio Barroso, aniversariante do dia.

17 Cláudia Oliveira e Maria Aparecida Zambelli.



DUAS RODAS E MUITA POLÊMICA

Com a profissão regulamentada em julho deste ano, a implantação do serviço de mototáxi nos municípios brasileiros agora só depende das câmaras municipais. No Espírito Santo, motociclistas, médicos, vereadores e cidadãos divergem nas opiniões sobre o assunto.

A picultor, nutricionista, DJ e mototaxista. Você saberia dizer qual é a relação que existe entre essas quatro profissões? Em comum, todas tiveram sua regulamentação aprovada neste ano. Mas, das quatro, nenhuma repercutiu e gerou tanta polêmica quanto a do serviço oferecido sobre duas rodas. Tudo começou no dia 29 de julho, quando o presidente Luiz Inácio Lula da Silva sancionou a lei nº 12.009/2009. A redação oficial diz que a lei "regulamenta o exercício das atividades dos profissionais em transporte de passageiros, 'mototaxista', em entrega de mercadorias e em serviço comunitário de rua, e 'motoboy', com o uso de motocicleta". Na prática, a norma estabelece critérios para o funcionamento dos serviços de mototáxi e de motofrete (vulgarmente conhecido como "motoboy").

De acordo com a nova lei, as profissões

de motoboy e mototaxista só poderão ser exercidas por pessoas com 21 anos completos, que possuam carteira de habilitação há pelo menos dois anos (na categoria de moto) e ainda tenha participado de curso especializado, a ser regulamentado pelo Conselho Nacional de Trânsito (Contran). Também é exigida a utilização de equipamentos especiais por parte dos condutores (veja o box abaixo). Os interessados em prestar o serviço têm 365 dias (a contar da publicação da lei) para fazer as adequações previstas. Quem não se adequar estará sujeito às infrações previstas no Código Brasileiro de Trânsito.

Mas a regulamentação em nível federal por si só não vai determinar efetivamente a implantação ou não do mototáxi nos municípios. A lei estabelece que a criação do serviço, bem como a utilização de regras específicas, caberá às câmaras municipais. O governo da cidade de São Paulo, por exemplo, optou pela não criação. Em nota oficial, a prefeitura paulistana se disse contrária à

efetivação do mototáxi com o argumento de que "os riscos que esse transporte acarreta aos cidadãos desaconselham seu uso em uma cidade com as características de São Paulo". Por aqui, na Grande Vitória, até agora nenhuma cidade sinalizou positivamente a implantação do mototáxi.

Por enquanto, apenas planos

Na Câmara de Vitória existem atualmente dois projetos de lei para a implantação do serviço de mototáxi: um de autoria do vereador Dermival Galvão e outro de Zezito Maio. Mas por motivos diferentes, ainda não dá pra saber se as propostas dos dois vereadores sairão do papel.

No caso de Dermival, o próprio vereador decidiu barrar o processo. No início, Galvão tinha o argumento do escoamento do trânsito como justificativa de seu projeto. "Como o preço das passagens de mototáxi não é tão elevado, as pessoas poderiam utilizá-lo como meio de transporte alternativo, uma vez que as motos escoam de modo muito mais rápido que automóveis ou ônibus", explica.

Com o tempo, o vereador confessa que esse mesmo raciocínio o levou a uma conclusão apreensiva. "O exemplo bem notório disso é São Paulo: o trânsito escoar melhor com as motos, mas o número de acidentes é altíssimo", completa. Por fim, Galvão passou a levar em conta os riscos de pessoas mal intencionadas utilizarem o serviço para promover o crime, como no caso de assaltantes se disfarçarem de mototaxistas.

O resultado? Diante de todas essas reflexões, Dermival revelou ao informativo SBOT-ES que não irá adiante com a proposta: "Estou na dúvida se esse serviço é realmente importante para a cidade. O projeto está em processo de discussão no plenário, mas eu estou engavetando ele."

Quanto ao autor do outro projeto simi-

COLETE DE
SEGURANÇA
DOTADO DE
DISPOSITIVOS
RETROREFLETIVOS



LEGISLAÇÃO

De acordo com o artigo 2º da Lei 12.009/2009, para exercer a profissão de mototaxista e motofretista, é necessário:

- Δ Ter completado 21 (vinte e um) anos;
- Δ Possuir habilitação, por pelo menos 2 (dois) anos, na categoria;
- Δ Ser aprovado em curso especializado, nos termos da regulamentação do Contran;
- Δ Estar vestido com colete de segurança dotado de dispositivos retrorrefletivos, nos termos da regulamentação do Contran.

lar e agora responsável pela única tentativa oficial de implantação do serviço de mototáxi em Vitória, Zezito Maio, a redação do informativo SBOT-ES não conseguiu localizá-lo para conversar sobre sua proposta de lei. Durante mais de um mês o vereador foi procurado em seu gabinete. Além disso, a redação ligou diversas vezes para o telefone celular de Maio. Mesmo assim nenhum contato foi estabelecido nesse tempo.

Quem quer, quem não quer e quem não sabe o que quer

Como tem acontecido em diversos outros estados, depois da sanção presidencial em julho, no Espírito Santo a entidade que representa os interesses da categoria dos motociclistas viu com bons olhos a decisão de regulamentar a profissão de mototaxista e de motoboy. De acordo com o presidente do Sindimotos-ES, Alexandre Martins, o sindicato tem, inclusive, sido procurado por câmaras de municípios do interior do Estado para que elabore projetos de análise de viabilidade do serviço nesses locais. "Nesse projeto o que nós temos mostrado é que, com o mototáxi, quem ganha é a sociedade. Isso vai gerar mais emprego e mais renda para o município", garante Martins.

Para o presidente do Sindimotos-ES, aliás, a sociedade é quem está pedindo o mototáxi. "Quem é contra são os empresários de empresas de ônibus, de empresas de táxi e das cooperativas", enfatiza. Mas uma pesquisa realizada pelo Instituto Futura nos dias 28 e 29 de setembro com moradores da Grande Vitória contradiz, em partes, o discurso de Alexandre.

Segundo a publicação, 66% dos entrevistados disseram que são a favor da profissão, desde que o mototaxista cumpra as exigências da lei. As pessoas ouvidas consideram ainda que a lei vai gerar mais empregos, além de oferecer mais uma opção de trans-

porte para a população. Porém, 75,9% dos entrevistados disseram que não utilizariam o serviço por avaliar o meio de transporte perigoso. Além disso, 46,6% dos entrevistados disseram ser contra a lei, pois com a regularização da profissão os acidentes podem aumentar.

De fato, o número de acidentes envolvendo motociclistas no Brasil tem aumentado na mesma proporção em que aumenta o número de motocicletas circulando no País. Segundo Dirceu Rodrigues Alves Júnior, da Associação Brasileira de Medicina de Tráfego (Abramet), em 2008 foram vendidas 1,8 milhão de novas motos no Brasil e, com o aquecimento da economia, "a perspectiva das montadoras é aumentar cada vez mais a produção". Ao mesmo tempo, de acordo com informações do Instituto Brasileiro de Segurança no Trânsito, nos últimos dez anos, o número de mortes de motociclistas envolvidos em acidentes aumentou 1.000%. Só no ano passado, os acidentes de moto no País somaram dez mil mortos, mais de 500 mil feridos e um gasto de R\$ 8 bilhões para o governo. Isso significa dizer que a cada minuto, uma pessoa morre ou fica ferida por causa de acidentes com motocicletas.

O presidente do Sindimotos-ES, Alexandre Martins, reconhece tudo isso. Porém, segundo ele, há um equívoco na hora de classificar as vítimas. "Quando se fala em acidentes com motociclistas é preciso lembrar que podemos dividi-los em dois grupos. Existem aquelas pessoas que são classificadas por nós como meros proprietários ou usuários de motocicletas e existem aquelas que são profissionais sobre duas rodas (caso do mototaxista e do motoboy). A maioria dos acidentes acontece com o primeiro grupo", argumenta.

Mesmo assim, algumas pessoas ainda estão temerosas quanto à implantação do mototáxi em Vitória. O ortopedista e presidente da Sociedade de Ortopedia e Traumatologia, Regional Espírito Santo (SBOT-ES), João Carlos Teixeira, por exemplo, teme pelas circunstâncias nas quais o serviço pode ser oferecido. Acostumado a ver vários casos de motociclistas acidentados, Teixeira lembra que a capital capixaba já sofre com engarrafamentos em determinados horários e dias da semana. Nesse contexto, o motociclista acabaria sendo a alternativa mais barata e rápida para o transporte de mercadorias e de pessoas, o que é um risco, segundo o presidente da SBOT-ES. "Quem pede um mototáxi é quem está com pressa. E a pressão do tempo inevitavelmente vai acarretar acidentes".

Para Alexandre Martins, essa preocupação não faz sentido. De acordo com ele, ao contrário do que se imagina, o índice de acidentes diminui com a implantação do mototáxi. "Quem vai determinar como o mototaxista vai andar será o próprio passageiro. O mototáxi, inclusive, educa o motociclista no trânsito", garante Alexandre.

Como ortopedista, João Carlos Teixeira diz que não gostaria de ver o serviço de mototáxi efetivado, pois teme que a fiscalização não seja rígida o suficiente e que isso ocasionasse mais acidentes com motos. "Mas é uma realidade; já está aí. Pode não ser aprovado agora, mas um dia isso vai acontecer", pondera Teixeira. Para o presidente do Sindimotos-ES, Alexandre Martins, a aprovação já tem prazo estimado. "Em menos de oito anos, o serviço estará implantado dentro da Grande Vitória", arrisca. É aguardar pra ver. ◊

Antes do médico, o mergulhador

A história é mais ou menos assim: começou como um simples passatempo; aos poucos, a coisa ficou séria; e, de repente, Ruy Gusman tinha feito a vida com o mergulho.

Com o diploma de médico e um curso de residência no currículo, Ruy Rocha Gusman começou a atuar como ortopedista em 1997. Para muitos jovens, essa seria uma ótima oportunidade de começar a obter a tão sonhada independência financeira. Para Ruy, essa meta já havia sido superada antes mesmo de sua formatura. Tudo graças a um hobby, que por muito tempo foi seu "ganha pão". O mergulho, que no início era divertimento, virou profissão e, com isso, veio o primeiro carro e até o primeiro apartamento. Quando chegou a hora de exercer a medicina, a vida de Ruy já estava mais do que encaminhada.

Segundo Gusman, a primeira vez que mergulhou foi em 1981, a convite do marido de sua cunhada, Flávio Pavan. Depois disso, os mergulhos tornaram-se frequentes e logo veio a ideia: por que não criar um curso sobre o assunto no Espírito Santo? Então, Ruy e Flávio



fizeram cursos para instrutores no Rio de Janeiro e, em 1982, inauguraram o primeiro curso de mergulho do Estado, oferecido pela escola Flamar.

Em 1993 Gusman se formou em medicina pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) e foi fazer residência em São Paulo. A partir daí, a coordenação do curso ficou apenas com Pavan, que logo deixou o legado para o filho, Flávio Pavan Filho, o qual permanece com o curso até hoje.

Para Ruy, talvez graças à iniciativa pioneira, o panorama do mergulho de lazer no Estado está num padrão de qualidade bom. Segundo ele, o que precisa melhorar é o mergulho profissional. "Quem necessita de cursos desse nível, como aqueles que ensinam a efetuar soldas submarinas e limpezas de casco de embarcações, por exemplo, precisa sempre recorrer a escolas do Rio de Janeiro", comenta.

O prazer de estar debaixo d'água

Mesmo que no final das contas isso não tenha ocorrido, o título deste Vida Leve poderia muito bem ser a expressão "unindo o útil ao agradável". A justificativa é que além do lado profissional vivido nos tempos de instrutor da Flamar, Ruy, que também é biólogo, teve no mergulho uma oportunidade de lazer para curtir a vida e, principalmente, a natureza. Para ele, "a possibilidade de estar lado a lado com os animais marinhos, com tanta beleza e poder interagir com esse ambiente é algo simplesmente fascinante".

E se o assunto é explorar lugares e a vida marinha, Ruy não tem do que reclamar. Ele já mergulhou em Fortaleza, no Maranhão, em Fernando de Noronha, na Bahia, no Rio de Janeiro e, claro, no litoral do Espírito Santo. Chegou até a se aventurar em águas internacionais. Foi inclusive numa dessas ocasiões que ele visitou o lugar mais bonito de todos por onde passou até hoje: Cozumel, no México. "É um ambiente aquático fantástico. Mergulhei apenas uma vez, mas fiquei deslumbrado com tanta beleza", explica o ortopedista que também esteve nas Bahamas e no litoral do Panamá.

Outro local que marcou foi Abrolhos, no sul da Bahia. Segundo ele, o que mais chama a atenção lá é a diversidade de vida marinha. O apreço pelo lugar é tamanho que Ruy já fez umas sete visitas às águas baianas.

Susto e refúgio em Guarapari

Abrolhos, Cuzumel, Bahamas e tantos

outros lugares marcaram a vida de Ruy pela beleza e exotismo. Mas um acontecimento que ele não esquece jamais foi vivido no "quintal de casa". Há alguns anos, em Guarapari, Gusman, que estava com um grupo de amigos, tinha acabado de realizar um mergulho com cilindro e se preparava para fazer um mergulho livre (sem cilindro de oxigênio). De repente, o grupo percebeu que havia uma baleia vindo na direção do barco onde eles estavam. Ruy e alguns amigos, então, conseguiram mergulhar até bem próximo do animal, mas a calda do gigante mamífero aquático acabou atingindo os curiosos, que chegaram a perder a máscara de mergulho. "Mesmo com o susto, foi uma experiência muito bacana pela possibilidade de mergulhar ao lado de um animal tão grande", lembra aos risos.

Como era de se esperar, o fato inusitado em Guarapari nunca representou qualquer tipo de impedimento para outros mergulhos no local. Ao contrário. Hoje, pela vida corrida e cheia de compromissos, Ruy tem apenas os feriados e as férias para curtir os momentos embaixo d'água. E o local mais recorrente para isso é Guarapari, onde ele possui uma casa de praia. "Ali, eu posso conciliar a atividade com os momentos de lazer com a família, mergulhando a cada dois ou três meses", conta. Na companhia, os amigos, a esposa, Ana Márcia (que também se aventura às vezes no mergulho livre), e as duas filhas: Isabel, de sete anos, e Vitória, de cinco.

Mas quem pensa que Ruy aderiu de vez ao estilo "caseiro" se engana. Ele ainda pretende alçar voos mais altos. "Gostaria de mergulhar na barreira de corais da Austrália. Ainda não sei quando isso será possível, mas é um sonho".



Ruy Gusman mergulhando nas águas de Cozumel, no México.

dicas

Quer Mergulhar?
Para quem nunca praticou a atividade, Ruy recomenda que se procure uma escola de mergulho para ter segurança. "Não é necessário ser um grande nadador como muitos consideram; os instrutores existem justamente para fornecer a tranquilidade do mergulho", lembra.

Prepare o bolso
Um equipamento completo de mergulho possui um custo elevado. Mas, segundo Gusman, não é preciso comprar todo o equipamento e sim o básico individual: cilindro, máscara, roupa e pé-de-pato.

ORTEK

Representante Exclusivo

- Medicea (Coluna)
- Medicea (Coluna)
- Quinelato
- Ortosintese
- Dabasons
- MDT
- Groupe-Lepine (Prótese)
- Linvatec (Atroscopia)
- Toride (Buco-maxilo facial)
- Porex
- Orthoselect (Trauma)
- IOL (Trauma)



Fones (27) 3315-5405 / 3225-9824

E-mail: ortek@ortekes.com.br

Fax (27) 3227-3476